

SPINOZA

Benedito, ou Baruch, de Spinoza (1632-77), um dos filósofos mais originais de sua época, nasceu e viveu em Amsterdam, na Holanda, e pertencia a uma família judaica de origem portuguesa. *Ética, demonstrada à maneira dos geômetras*, escrito originariamente em latim, entre 1661 e 1673, e publicado apenas após sua morte, é um texto de grande originalidade. Não se trata de um simples tratado de ética, mas de uma obra de metafísica que parte da ontologia e desenvolve uma teoria sobre a natureza humana e o fim último do homem: a beatitude. Articula assim de forma integrada a metafísica, o conhecimento, a antropologia filosófica e a moral.

A *Ética* é escrita segundo o método geométrico (*more geometrico*). É inspirada, portanto, na geometria de Euclides, considerada na época um modelo de ciência e de pensamento rigoroso. Começa com definições e axiomas, formula proposições e demonstrações com base nesses axiomas, seguindo o método dedutivo, e examina as consequências dessas demonstrações em seus corolários e escólios.

Trata-se, portanto, de uma obra bastante sistemática, em que os conceitos definidos são empregados com rigor e em que as consequências dessas definições são extraídas através de um processo lógico. Cada parte desse sistema se integra às demais e é necessário compreendê-lo como um todo articulado.

Na primeira parte, ou Livro I, "Sobre Deus", Spinoza aborda as questões centrais da metafísica: Deus, a substância, seus modos e atributos. O Deus de Spinoza não é, contudo, o Deus criador e transcendente da tradição religiosa, mas um princípio metafísico que, em sua famosa expressão, coincide com a própria realidade: "*Deus sive natura*", isto é, Deus ou a natureza. Deus é assim a substância infinita e a causa primeira. Na segunda parte, ou Livro II, "Sobre a natureza e a origem da alma (*Mentis*)", Spinoza trata do problema do conhecimento, examinando a questão da relação entre a alma e o corpo

e a possibilidade de conhecermos a realidade através de nossas ideias. Na terceira parte, ou Livro III, "Sobre a natureza e a origem das afecções", temos a formulação dos primeiros princípios da ética de Spinoza na análise que faz da natureza humana. Na quarta parte, ou Livro IV, "Sobre a servidão humana, ou Sobre as forças das afecções", Spinoza extrai as consequências éticas de sua concepção da natureza humana, examina a questão da liberdade, do autocontrole e os conceitos de bem e mal em relação à natureza humana. Na quinta parte, ou Livro V, "Sobre as potências do intelecto, ou Sobre a liberdade humana", o filósofo defende uma ética racionalista e uma concepção de felicidade que consiste no "amor intelectual de Deus", entendido como o reconhecimento do lugar do indivíduo no Universo.

ÉTICA Definições

Spinoza inicia o Livro IV com as definições de bem e de mal. O bem é caracterizado como aquilo que conhecemos como sendo útil, e o mal, o que impede o bem, o que reflete a importância que Spinoza atribui ao princípio da autopreservação (Livro III, Proposição VI).

Como para Spinoza as afecções são formas de pensamento (Livro III, Definição III), podem ser alteradas pela razão. Podemos igualmente analisá-las e descobrir quais as afecções que são boas e quais são más, no sentido das definições acima. As boas afecções são aquelas que contribuem para o desenvolvimento da natureza humana, que aumentam a potência do ser humano. Os homens podem assim regular suas ações através do entendimento das forças que os influenciam. O homem livre é aquele que busca o bem e evita o mal.

- “
- I. Por bem, entenderei o que sabemos com certeza ser-nos útil.
 - II. E por mal, o que sabemos com certeza impedir que detenhamos um bem.
 - III. As coisas singulares, denomino-as contingentes, na medida em que basta examinarmos sua essência para notar que não há nada que ponha necessariamente sua existência, ou que necessariamente a exclua.
 - IV. Essas mesmas coisas singulares, chamo-as possíveis, na medida em que, ao examinarmos as causas que devem produzi-las, não sabemos se são elas mesmas que as produzem.

V. Por afetos contrários, entenderei aqueles que arrastam o homem em sentidos diferentes, apesar de serem do mesmo gênero, como a gula e a avareza, que são tipos de amor. E não é por natureza, mas por acidente, que eles são contrários.

VI. O que entenderei por afeto a respeito de uma coisa futura, presente e passada, eu o expliquei nos Escólios 1 e 2, Proposição 18.

Mas também é o momento de observar que, assim como para uma distância de lugar, tampouco podemos imaginar distintamente uma distância de tempo além de certo limite; isso significa que, assim como imaginamos habitualmente todos os objetos que estão a mais de 200 pés de nós – ou seja, cuja distância em relação ao lugar onde estamos supera a que imaginamos – como se estivessem no mesmo plano, da mesma forma imaginamos todos os objetos cujo tempo de existir está distante do presente a um intervalo mais longo que o que imaginamos a igual distância do presente, e os relacionamos, por assim dizer, a um mesmo momento do tempo.

VII. Entendo o apetite como aquilo que visamos quando fazemos alguma coisa.

VIII. Entendo que virtude e potência são a mesma coisa, isto é (pela Prop. 7), a virtude, na medida em que diz respeito ao homem, é a essência mesma ou natureza dele, pois lhe confere o poder de produzir certos efeitos que podem ser compreendidos como as únicas leis de sua natureza.

AXIOMA

Não há coisa singular, na natureza das coisas, que não encontre outra mais poderosa e mais forte. Porém, dada uma coisa qualquer, há outra mais poderosa pela qual a primeira pode ser destruída. ”

ÉTICA

A virtude

A virtude é definida por Spinoza como aquilo que contribui para o ser humano conservar o seu ser, ou seja, para a sua autopreservação. Neste sentido, a virtude consiste em agir conforme a natureza, isto é, de acordo com a razão.

”Quanto mais alguém procura o que lhe é útil, isto é, conservar o seu ser, e tem poder para tal, mais é dotado de virtude; ocorre o contrário quando alguém desdenha o que lhe é útil, isto é, conservar seu ser, e nisso é impotente.

DEMONSTRAÇÃO

A virtude é a própria potência do homem, que se define exclusivamente pela essência dele (pela Definição 8), isto é (pela Proposição 7), que se define exclusivamente pelo esforço que o homem faz para perseverar em seu ser. Logo, quanto mais alguém se empenha em conservar seu ser e tem poder para tal, mais é dotado de virtude. O contrário acontece (pelas Proposições 4 e 6), na medida em que alguém desdenha conservar seu ser, e por isso é impotente. CQD

ESCÓLIO

Ninguém, portanto, a menos que seja vencido por causas externas e contrárias à sua natureza, deixa de aspirar ao que lhe é útil, em outras palavras, conservar seu ser. Ninguém, afirmo, pela necessidade de sua natureza e sem ser compelido por causas externas, se negará a alimentar-se, ou se suicidará, o que pode ser feito de diversas maneiras. Alguém se mata porque um outro o obriga, torcendo-lhe a mão, que por acaso agarrara um gládio, e força-o a voltar esse gládio contra o coração; outra possibilidade é por ordem de um tirano, como Sêneca, que o obrigue a cortar as veias, desejando evitar um mal maior com outro menor; ou então, finalmente, é porque causas externas ocultas dispõem a imaginação de tal forma e afetam o corpo de maneira que este se reveste de outra natureza, contrária à primeira, e da qual não consegue fazer ideia no Espírito (pela Proposição 10). Mas que o homem, pela necessidade de sua natureza, busque não existir, ou mudar de forma, isso é tão impossível quanto criar algo a partir de nada, como todos podem concluir meditando um pouco. ”

QUESTÕES E TEMAS PARA DISCUSSÃO

1. Como Spinoza define o Bem e o distingue do Mal?
2. Qual o significado ético das afecções para Spinoza?
3. Qual a importância para Spinoza do princípio da autopreservação?
4. Como Spinoza entende a virtude?
5. Em que sentido a ética de Spinoza pode ser considerada racionalista?